

GLAMOUR E AGONIA NA PROSTITUIÇÃO DA MANAUS DA BORRACHA

PAULO MARREIRO DOS SANTOS JÚNIOR ¹

Resumo: Na historiografia mais tradicional da região ainda encontram-se relatos sobre as famosas “cocotes”, polacas e francesinhas que encantavam e arruinavam os barões da borracha em noites de extasiante prazer. No entanto, havia outras prostitutas na Manaus da Borracha, outros ambientes – vistos como sórdidos – freqüentados pelo meretrício e outros clientes fora da órbita dos barões da borracha. Mulheres com histórias de miséria que contradiziam o *glamour* de uma época de fausto.

Palavras-chave: Pobreza; Prostituição; Contradição Social.

GLAMOUR AND AGONY IN PROSTITUTION OF MANAUS RUBBER

Abstract: *In more traditional historiography of the region are still reports about the famous “cocotes”, polish and french that enchanted and ruined the rubber barons in blissful nights of pleasure. However, there were other prostitutes in Manaus Rubber, other environments - seen as sordid - frequented by prostitution and other customers outside the orbit of the rubber barons. Women with histories of misery that contradicted the glamor of an age of splendor.*

Key-words: *Poverty; Prostitution; Social Contradiction.*

Glamour e agonia na prostituição da Manaus da Borracha

Historicizar a prostituição da Manaus da Borracha é uma tarefa desafiadora. Pois, se vincula o *glamour* da *Bélle Époque* à imagem do meretrício de luxo, em bordéis e cassinos de alto requinte, acompanhadas de ricos comerciantes e autoridades locais. A inclusão da prostituição no campo da historiografia tem revelado uma história "a contra pêlo" e uma ampliação do horizonte historiográfico.

¹ Professor de História e Diretor Geral do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM), *Campus* Presidente Figueiredo. Doutor e Mestre em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Especialista em História e Historiografia da Amazônia e Licenciado em História pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: <paulomarreiro@ifam.edu.br>.

Desde das décadas 70 e 80 a história social da mulher, e, mais recentemente, a historicidade da prostituição tornou-se opção metodológica, evidenciando as prostitutas de luxo e as do baixo meretrício: suas vidas, cotidiano, particularidades, idade, nacionalidade, procedência, estratégias de sobrevivência². Esse estudo vem a contribuir para a construção de outros olhares sobre a prostituição, tendo como uma de suas propostas produzir críticas ao tradicionalismo historiográfico, que enxergar idilicamente a prostituição da *Belle Époque* brasileira.

A metodologia utilizada para perceber as experiências das mulheres investigadas, em maior medida, foi pela análise de atitudes consideradas “delituosas” e/ou “contraventoras” por autoridades e elites. Atitudes estas que foram investigadas através das Crônicas Policiais dos Jornais utilizados como fontes. Com isso, a prostituição da Manaus da Borracha foi analisada enquanto fenômeno social, compreendendo que essa prática fez parte de encadeamentos maiores e mais complexos, como opções de lazer, moradia, relacionamento, trabalho, sobrevivência, moral, comportamentos, hábitos, costumes, ou seja, o cotidiano dessas mulheres no meretrício.

Abordar historicamente as múltiplas facetas da prostituição da Manaus da *Belle Époque* faz-se necessário. Pois, o vínculo entre *glamour* e meretrício foi historicamente cristalizado por parte da historiografia local. Ideia disseminada por veículos de comunicação, que rememoraram o charme da prostituição da Manaus da Borracha, esquecendo outras histórias.

De 02 de janeiro a 06 de abril de 2007, foi exibida a minissérie "Amazônia - de Galvez a Chico Mendes". Com 55 capítulos, a história foi baseada nos romances O Seringal, de Miguel Ferrante e Terra Caída, de José Potyguara, sendo narrado a história do Acre, a última região a ser anexada ao território brasileiro.

O contexto histórico trata da Amazônia na virada dos séculos XIX-XX, quando muito migrantes deixavam suas cidades em busca de uma vida melhor através da extração do látex. A história, retratada pela minissérie, começa em 1899, em uma Amazônia no período áureo da borracha, quando apenas a região era produtora do material e despertava o interesse do mundo inteiro.

² RAGO, Margareth. *Cultura Histórica em Debate: as mulheres na historiografia brasileira*. São Paulo: UNESP, 1995.

Ante a personagens sociais, como: seringalistas, seringueiros, coronéis de barranco ³, nacionais e estrangeiros migrantes, caboclos e tapuias ⁴, figuras que compunham a alegoria do sistema de aviamento, a minissérie também exibiu as tramas que compunham a historicidade da vida de Luiz Gálvez Rodríguez de Arias (retratado pelo ator José Wilker). Gálvez era um migrante espanhol que comandou a revolta de seringueiros e seringalistas no Acre boliviano (Puerto Alonso), expedição organizada pelo governador do Amazonas Ramalho Júnior.

Paralelamente às tramas dos seringais da Amazônia e da própria história do Acre, a minissérie mostra a chegada do espanhol Luiz Gálvez em Manaus, onde ele reencontra uma amiga cortesã: Lola (Vera Fisher). Os dois abrem uma casa noturna, que passa a ser frequentada pelos coronéis da borracha. Através do cabaré, faz parte da trama a personagem Maria Alonso (Christiane Torloni), dançarina da Companhia Zarzuela, que se apresenta no cabaré.

Tramas poéticas e ficcionais a parte, a minissérie retrata também o contexto boêmio da Manaus do período áureo da borracha. Personagens, como: dançarinas, cortesãs, coristas fazem parte do *glamour* retratado no cabaré comandado por Lola (Vera Fischer) e vivido por Justine (Leona Cavalli), que finge ser francesa para agradar os clientes e Amparo (Francielly Freduzeski), espanhola que entra em constantes disputas com outras cortesãs pelos barões seringalistas.

Na Imagem 1 estão sendo retratadas as personagens Lola, Justine e Amparo, evidenciando a ideia de *glamour* do período da *Belle Époque*. Esse contexto boêmio e de magnetismo do cabaré da Lola, fragmento romântico da Manaus retratada pela minissérie "Amazônia" (TV Globo), é o que permanece no imaginário hegemônico sobre a prostituição no período da Manaus da Borracha.

Todo um cenário de charme, encanto e magnetismo permanece sobre o meretrício da Manaus antiga: eram as “cocotes”, “polacas”, “francesinhas” do Hotel Cassina, das Casas e bares elegantes da Av. Eduardo Ribeiro, nos cabarés onde se bebiam conhaque, champanhe, vinhos finos, nos quais desfilavam corpos femininos alvos, com seus cabelos – preferencialmente – loiros ou ruivos, ostentando artifícios e ornamentos: jóias, colares, pulseiras, brincos, “que

³ Coronel de Barranco era a nomeclatura dada ao personagem social proprietário de seringais no período do auge extração da borracha. LIMA, Cláudio de Araújo. *Coronel de Barranco*. 2 ed. Manaus: Valer, 2002.

⁴ Tapuia: índio destribalizado; sujeitado à cultura não-índia; que perdeu parte de sua cultura. MONTEIRO, John M. *Tupis, Tapuias e Historiadores*. Estudos de História Indígena e do Indigenismo. Tese Apresentada para o Concurso de Livre Docência. Área de Etnologia, Subárea História Indígena e do Indigenismo. Campinas, agosto de 2001, p. 183.

atestam o *status* da cortesã. Roupas brilhantes, escarlates, coloridas, negras, justas, colantes, vistosas, decotadas, insinuantes, realçando as formas físicas bem conformadas”⁵.

Imagem 1: Dançarinas no cabaré da Lola. Personagens da Mini-série "Amazônia" (TV Globo)



Disponível em <<http://amazonia.globo.com/Series/Amazonia/0,,AA1414555-7991,00.html>>. Acesso em: 28 set. 2014.

A pesquisa da prostituição da Manaus da Borracha à luz da História tem se tornado reveladora. Pois, desde os primeiros contatos com as ocorrências policiais das colunas jornalísticas pesquisadas, percebeu-se que as prisões, multas, reprimendas, repressão, vigilância e queixas eram direcionadas a segmentos da prostituição que não foram contemplados em grande parte da historiografia local e não exibidos na minissérie "Amazônia".

O perfil feminino da prostituição na Manaus da Borracha era retratado como mulheres com “*os lábios polpudos e sensuais, os olhos lânguidos e as maçãs do lindo rosto empoado à francesa – assim como sorriam as cocotas que nos chegavam de Lodz – as famosas ‘polacas’ das zonas do meretrício, e as ‘mademoselles’ dos cafés cantantes daqueles tempos*”⁶. Criando uma imagem – de certa forma – cristalizada na memória hegemônica.

A prostituição vinha contribuir com o cenário da cidade, como um elemento a mais do processo civilizador, com seus personagens de alcova, caracterizados por encenações lânguidas e nem tanto ofensivas à moral e à sociedade. Eram retratadas as vantagens da prostituição, ou melhor, de um viés dela.

(...) a vinda de mulheres da Europa contribuía para aumentar a fama de cidade do prazer (...). falava-se em todo Brasil, e mesmo no exterior, das famosas

⁵ RAGO, Margaret. *Os Prazeres da Noite. Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890 – 1930)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, p. 195.

⁶ BRAGA, Genesino. *Chão e Graça de Manaus*. Manaus: Ed. Fundação Cultural do Amazonas, 1975, p.136

‘francesas’ que arruinavam seringalistas e proprietários de casas aviadoras, em poucas noites.⁷

Contribuindo para o magnetismo da prostituição, evidenciava-se a personificação da clientela, eram homens da “boa sociedade”, respeitáveis em seus negócios e de sucesso reconhecido, coronéis de barranco⁸, seringalistas, políticos, oficiais de alta patente, administradores públicos, juizes, promotores, advogados, importadores, exportadores. Eram esses admirados nos mitos que retratavam os homens que acendiam seus charutos com notas de cem réis.

Mas, cabe iluminar o outro extremo da prostituição abastada, fora dos bordéis de luxo, dos clientes endinheirados, dos refinamentos *a la* cultura européia. Retratou-se parte do cotidiano de nacionais e estrangeiras que era sinalizada como do “Baixo Meretrício”, depreciada por epítetos como “*marafonas, mariposas, patuscas, regateiras, decantadas*”, e muitos outros, que não ganhavam o suficiente para seu sustento, obrigando-se ao furto de alimentos, eram as que estavam mais à mercê da violência masculina, desprotegidas nas esquinas, ruas e praças, despejadas por seus inquilinos, desiludidas com a cidade, voltando para sua terra natal ou seguindo caminho, algumas vezes para morte, através do suicídio.

Mas o mundo da prostituição não se resumia aos bordéis de luxo, onde as decisões políticas e econômicas importantes podiam ser tomadas. Havia um mundo da prostituição, aquele que habitava as sombras das ruas, das moradas precárias, dos cortiços e das vilas operárias⁹.

Mulheres buscaram firmar seus passos em Manaus, quando a cidade passava por um processo de reestruturação. Muitas abandonavam a segurança do lar e a vida serena das pequenas cidades ou a falta de oportunidades e concorrência encarniçada das grandes. Dos lugarejos do interior do estado, saíam jovens e maduras caboclas, ribeirinhas, marcadas pelo traço indígena. Do Nordeste, muitas mulheres fugiam das secas, cicatrizadas pelo sertão, com aparências cansadas e “rudes”. De outras regiões do país, muitas iam para Manaus com o objetivo de “fazer fortuna”. Dos recôncavos da Europa Oriental, eram romenas, polonesas, russas. De outras regiões européias, eram portuguesas, espanholas, italianas. Do Oriente, eram turcas. Sul-

⁷CORRÊA, Luiz Miranda. *O Nascimento de uma Cidade. (Manaus, 1890 a 1900)*. Manaus: Edições Governo do Estado do Am. 1966, p. 56.

⁸ Coronéis de barranco:

⁹ MARQUES, Renata Fernandes. *O Discurso Médico em Relação à Prostituição no Rio de Janeiro da Belle Époque*. In: *História & Violência: Anais do VII Encontro Regional Núcleo da ANPUH*. Rio de Janeiro, 7 e 11 de outubro de 1996. Lená Medeiros de Menezes (organização), p. 545.

americanas da Bolívia, Peru e mais africanas e barbadianas ¹⁰. Mulheres que tiveram seus nomes, nacionalidades e naturalidades registrados nos livros de registros das delegacias da cidade e – às vezes – repassados ao público via páginas policiais do Jornal do Comércio.

Entre migrantes e imigrantes, as idas para Manaus foram motivadas por circunstâncias diversas: adversidades, fantasias, rebeldias, todas buscavam uma vida melhor na capital da borracha. Nessa empreitada, ousaram romper com perfis impostos ao gênero feminino, conhecendo realidades que, em muitos casos, se transformaram em vidas que se distanciaram dos sonhos acalentados ¹¹.

Chegando a Manaus, essas mulheres tinham que competir no mercado de trabalho com as naturais e com as já sediadas na cidade. Umas procuravam desempenhar funções diversas, através de formas múltiplas de trabalho: ocupações permanentes, temporárias, casuais, domiciliares, subempregos e empregos flutuantes, à custa de improvisação e com expedientes variados, muitas vezes incertos ¹². Outras iam à cata da clientela do meretrício. Eram prostitutas que não se fixavam, característica intrínseca à profissão, sempre procurando novos fregueses, melhores ganhos, acomodações mais aceitáveis, não se sedentarizando em uma única relação, mudando de identidade, vivendo as expectativas de cada freguês em cada lugar.

Umas e outras ansiavam melhores perspectivas. As dificuldades do cotidiano da cidade contrastavam com a prosperidade propagada. As vantajosas promessas da Lei nº 8, de 21 de setembro de 1892 ¹³, em muitos casos, nunca se cumpriram, deixando migrantes e imigrantes à própria sorte. Mulheres identificadas por suas características ideais: voltadas às atividades do lar, solteiras acanhadas, mães zelosas com seus filhos, esposas subjugadas à figura marital tiveram que redefinir seus conceitos, burlar regras, demarcar estratégias para satisfação de suas necessidades e familiares.

Entre muitas adaptações, o “Baixo Meretrício” significava uma saída para mulheres marcadas pelo tempo, pela labuta, como para belas jovens que desconheciam as estratégias e os melhores espaços para a prostituição, também era a alternativa de prostitutas experientes que não

¹⁰ Barbadiana: proveniente de Barbados.

¹¹ LUZ, Ana Cristina da. França, Miriam de. Wolff, Tonia Cátia B. *Dancings e Cabarés – Entre a Fantasia, a realidade e a Hipocrisia*. In: História & Violência: Anais do VII Encontro Regional Núcleo da ANPUH. Rio de Janeiro, 7 e 11 de outubro de 1996. Lená Medeiros de Menezes (organização), p. 358.

¹² MATOS, Maria Izilda Santos de. *Cotidiano e Cultura. História, Cidade e Trabalho*. Bauru, SP. EDUSP, 2002, p. 52.

¹³ Pela lei o governador Eduardo Ribeiro concedeu passagens de terceira classe gratuitas a bordo de navios a vapor, que iam do sul do país rumo ao norte, da Europa ou da América do Norte rumo ao Brasil. Os benefícios de transporte eram estendidos às famílias com direito a alojamento e uma diária de 2\$000 reis no primeiro mês.

foram incorporadas às melhores, atrativas e bem cotadas casas lupanares, quiçá por suas feições, hábitos, ornamentos e comportamentos que não eram os projetadas por clientes abastados.

Por outro, a “Zona Estragada” representava “desafio aos papéis femininos socialmente aceitos, não deixava de ter um certo fascínio, parecendo oferecer alegrias e prazeres interditados no mercado formal de trabalho”¹⁴, como na vida, era a liberdade tantas vezes sonhada e buscada nas noites da boêmia, deixando a monotonia de lado na troca de parceiros.

Era na área equivalente ao Baixo Meretrício¹⁵ que a prostituição era vista como ameaçadora, turbulenta, conflagrando a tranquilidade. Principalmente nesses espaços, as prostitutas eram associadas à violência e à criminalidade. Ao contrário das “cortesãs”, as meretrizes “pobres eram vistas como a degeneração da mulher, como a falência da moral da família”¹⁶, como riscos e malefícios à saúde pública.

Na “Zona” a vigilância ostensiva da polícia estava sempre presente com rondas periódicas. Eram nas Ruas Itamaracá, Estrada Epaminondas e Frei José dos Inocentes, com seus inúmeros bares, botequins e pequenos hotéis de 3º classe, “casas de tolerância”, como a “Pensão da Mulata” onde segundo as autoridades, “reuniam-se indivíduos de toda casta”, e a casa de diversões “El Dorado”, reputada como “um ninho de mulheres de vida fácil”¹⁷ que a prostituição se mostrava de forma mais explícita.

A vigilância policial não se limitava somente a tais ruas, casas de diversões e hospedarias, eram “nas proximidades do mercado público” e em locais como o “café suíço, centro para onde converge a escória social de Manaus”¹⁸ que a repressão policial se dava também de uma forma efetiva. Demais estabelecimentos, praças e ruas próximas do porto a presença de meretrizes foi uma constante.

Esses espaços, mercado e porto, eram áreas de concentração masculina popular. Eram trabalhadores que, após um dia exaustivo de trabalho, procuravam a companhia feminina de mulheres “de vida airada”, associando a umas talagadas da “*branquinha*” para se atenuar a fadiga. Carregadores, ambulantes, barraqueiros do Mercado Público; marítimos, catraieiros,

¹⁴ Luz, Ana Cristina da. França, Miriam de. Wolff, Tonia Cátia B. op. cit., p. 359.

¹⁵ Antes de 1910, as crônicas policiais não retrataram áreas da cidade específicas de concentração de prostitutas. A partir de 1910, as ocorrências envolvendo meretrizes tiveram duas ruas de destaque: a Itamaracá e a Estrada Epaminondas, equivalentes ao III distrito da capital (mapa 1 e 5), como alguns hotéis, bares e botequins (vide cap. 2).

¹⁶ MARQUES, Renata Fernandes. Op. cit., p. 546.

¹⁷ In: PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *A Cidade Sobre os Ombros: Trabalho e Conflito no Porto de Manaus (1899 – 1925)*. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 1999, p. 71-72.

¹⁸ Jornal do Comércio. Coisas Policiais. “*Rivais no officio*”, 27 de julho de 1917.

foguistas, estivadores, peixeiros, maquinistas que trabalhavam no Porto e em embarcações, seringueiros, agricultores, pequenos comerciantes recém-chegados em vapores convertiam seus espaços de trabalho durante o dia para territórios do prazer, na companhia de prostitutas à noite. Esses trabalhadores populares eram seus principais clientes, exercendo uma cumplicidade entre tais atividades nas opções de lazer e prazer ¹⁹.

Áreas públicas de intenso fluxo de transeuntes, como os citados, eram locais estratégicos como “pontos” do baixo meretrício, como as ruas Epaminondas, Itamaracá, Dez de Julho, José Clemente e Lobo d’ Almada, áreas centrais de Manaus.

Os locais, nos quais se concentrava a prostituição de baixo custo, recebiam maiores atenções da polícia porque também eram lá os locais preferenciais para o encontro com a clientela, e como esta era composta por populares, a polícia tinha motivos em dobro para vigilância dos focos de prostituição, uma vez que homens de “baixo estrato social” eram considerados tão suspeitos e perigosos quanto as prostitutas.

Pelas crônicas policiais, fica perceptível que na maior parte das vezes prostitutas não foram presas pela prática de prostituição. Apesar de a profissão não ser benquista pelas autoridades, as prostitutas não eram reprimidas pelo fato de se prostituírem, mas por atos de decompostura em público. Estabelecer padrões de moralidade no universo “*libertino*” da prostituição, firmou-se como uma necessidade e estratégia para se ultrapassar muralhas disciplinadoras ²⁰.

Os comportamentos tidos como referência eram os das “cocotes”, bem treinadas e instruídas nas artes da discrição, da reserva e da moderação. Mas com as profissionais do baixo meretrício, o meio tumultuado, a clientela “*rude*”, o descontentamento com os poucos pagamentos e os contextos culturais das próprias meretrizes proporcionavam conversas indevidas, bebida em demasia, indisciplina e qualquer outro distúrbio, colocando em perigo a *boa ordem*. Em grande parte, as prisões de meretrizes ocorriam motivadas por tais casos.

As crônicas policiais listavam embriaguez, furto ao cliente, lesão corporal à colega de profissão ou ao freguês, ofensa à moral pública, injúria, difamação como principais motivos de prisões de prostitutas. Em última instância pela prática da prostituição.

¹⁹ PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte Pinheiro. Op. cit., p. 71.

²⁰ LUZ, Ana Cristina da. França, Miriam de. Wolff, Tonia Cátia B. op. cit., p. 358.

Nos anos pesquisados, foram contabilizados 62 casos diversos nos quais prostitutas foram presas, contra 35 casos envolvendo prisões por “prostituição”. O próprio regulamento dos delegados de polícia não tachava a repressão à prostituição e sim às *inconveniências à moralidade pública*²¹.

Como discutido em itens anteriores, “*afetar a moral pública*” era a principal acusação que recaía sobre a prostituta, ocasionando a prisão da mesma. Foi fundamental que mecanismos de vigilância constante fossem imprimidos às meretrizes a fim de que os “*bons costumes*” não fossem afetados. Dessa forma, a Guarda Civil de Manaus era imbuída da missão de tomar medidas repressoras contra o “*escândalo público*” proporcionado não pela prostituição e sim por prostitutas do baixo meretrício e seus desregramentos públicos.

Muitas das vezes, prisões de prostitutas tinham um objetivo claro: conter sua explicitação, seus comportamentos arreliados que denegriam a imagem pública. Convicta de sua função repressiva, a polícia criminalizava comportamentos vistos como ofensivos, não necessitava de razões muito plausíveis para efetuar a prisão. As crônicas policiais denotaram ausência de acusações específicas, a não ser as que implicaram infração ao decoro. O essencial era mantê-las reclusas, longe das vistas públicas, como as “*francesinhas*” no interior dos bordéis de luxo. Mas se não fossem submissas a alguma casa de lupanar, a cadeia seria uma alternativa, pelo menos por algum tempo:

Pelo guarda civil Jeronymo Sampaio foi presa hontem, ás vinte horas, á estrada Epaminondas, por **infracção do regulamento da polícia civil**, a meretriz Rosa Suhru, que foi conduzida á delegacia do segundo districto, onde a autoridade de serviço lhe passou um especial.²²

O próprio Código de Posturas do Município dava a entender o principal objetivo das autoridades no tocante à prostituição: ocultá-las, mas não erradicá-las inteiramente da sociedade²³. Isso ocorria porque, no processo de modernização da cidade, a prostituição era vista como um “mal necessário”²⁴, era através dela que a “família higiênica”²⁵ tinha sua possibilidade de

²¹ Leis, Decretos e Regulamentos. Tomo IV 1906. De Janeiro a Dezembro, Volume 4 e 5. Regulamento da Policia Civil do Estado Do Amazonas. Capítulo III – Dos Delegados da Capital. Biblioteca da Associação Comercial do AM.

²² Jornal do Comércio. Coisas Policiais: “Rosa marcha”, 18 de setembro de 1917. grifo meu.

²³ A prostituta que se expõe ao público na janela é passível de repressão. Art. 148 – Não é permitido ás mulheres de vida fácil conversarem ás janelas com os transeuntes, sob pena, de multa de 50\$000. Código de Posturas do Município, 1910. Capitulo XII. Conveniência e Moral Publica. Biblioteca Pública do Estado do AM.

²⁴ MARQUES, Renata Fernandes. Op. cit., p. 545.

²⁵ Idem ibidem.

manutenção, vendo na prostituta uma válvula de escape do cerceamento da moralidade familiar, da disciplina do trabalho, dos códigos normativos convencionais, da transgressão à normatização da relação conjugal. Havia um consenso da importância das meretrizes para a iniciação sexual dos jovens das camadas mais e menos favorecidas, amenizando o ânimo dos impulsos sexuais prementes, garantindo a virgindade das moças solteiras e futuras esposas²⁶.

Administradores públicos chegavam a naturalizar e historicizar a presença das prostitutas, como justificativa para a ausência de repressões mais ferozes.

Quanto á prostituição todos os meios têm sido empregados para evitar a sua propagação desde os tempos de Sólon até os nossos dias sem que se tenha, ao menos, a sua diminuição. Ella existio em todos os tempos e há de existir sempre. O que cumpre fazer é evitar a facilidade do seu exercício, é prohibir por todos os meios a sua exhibição. Infelzmente entre nós já existem as casas de proxenetismo.²⁷

Fazer evitar a “*facilidade do seu exercício*” e “*os meios a sua exhibição*” obedeciam a limites. A coexistência pacífica entre sociedade e prostitutas iria até o ponto em que essas não “escandalizassem” o cotidiano público com posturas “desregradas”. Consideradas trânsfugas sociais, as prostitutas – principalmente as pobres – eram toleradas na sociedade desde que permanecessem ocultas, não tanto de corpo presente, mas no que diz respeito a algumas de suas características de convivibilidade, semelhantes às de muitos outros populares: beberrones, altercações, arrelias e outros. Às vezes, o “mal necessário” ultrapassava os limites socialmente impostos de coexistência pelo excedente do número de prostitutas, tornando-se a eventualidade de deparar-se com prostitutas nas esquinas, ruas, praças e demais espaços da cidade uma agressão ou um desconforto à ordem disciplinar. Em tais casos, eram utilizadas estratégias de manutenção do equilíbrio entre coletividade e meretrício através de desterros, como os ocorridos para os seringais do Acre²⁸.

As que permaneciam em Manaus eram obrigadas a passar por agruras, não tanto piores ou melhores que as sofridas nas deportações. Em meados do segundo decênio do século XX, conforme relatos incisivos dos administradores públicos, a situação econômica de Manaus

²⁶ RAGO, Margareth. Op. cit., p. 24-25.

²⁷ Mensagem lida pelo Exm. Sr. Governador do estado Cel. Antonio Clemente Ribeiro Bittencourt. 10 de julho de 1910. Segurança Pública, p. 14. Arquivo Público do Estado do AM.

²⁸ In: WOLLF, Cristina Scheibe. *Mulheres da Floresta, uma história*. Alto Juruá, Acre (1890-1945). São Paulo: Ed. Hucitec, 1999, p. 86.

tornara-se “caótica”, com a queda do preço internacional da goma elástica, o montante pecuniário circulante caiu assustadoramente. Esse contexto econômico adverso era refletido na comercialização do sexo. Por isso, inúmeros casos de intrigas entre prostitutas foram evidenciados pelo redator por motivos de “concorrência”, quando “*officiaes do mesmo officio, como é obvio, empenhava-se uma em apoucar o mais que possível, a mercadoria exposta ao consumo publico pela outra*”²⁹.

Casos de prisões por lesão corporal grave, leve, injúria e difamação entre meretrizes na Rua Itamaracá e Estrada Epaminondas foram recorrentes nas crônicas policiais. Não só por concorrência, as intrigas entre prostitutas ocorriam, a própria convivência cotidiana, habitando nas mesmas pensões, questiúnculas pessoais levavam prostitutas a discussões e enfrentamentos. Em alguns casos, tais questões eram levadas à polícia.

Rosa Levy, a conhecida Rosa Tartaruga, celebre na zona estragada pelas suas prezas, voltou, hontem, a dar um arzinho de sua graça.

Por uma nuga qualquer inticou com a collega de officio Altamira de Carvalho, residente á rua Itamaracá, dezesete, e d’ahi dar-lhe todo o santo dia um baile de arriar a crista á mais emproada. Altamira, que teme a linguazinha da Tartaruga e as encrencas com a policia, queixou-se á delegacia do segundo districto, onde o guarda Jose Roland, numa mansidão de capuchinho pregou á Tartaruga um sermão ás direitas.³⁰

Mas nem sempre os casos eram levados ao conhecimento policial, em redutos considerados refratários, os contatos entre prostitutas e policiais causavam incertezas a elas. Ao reclamar de situações que se definiam até mesmo como atos de violência, prostitutas passaram de “vítimas” para “causadoras” e, por isso, culpadas desses atos maléficos, pois eram consideradas despudoradas, liberando a dimensão animalésca dos fregueses e de outros, levando-os a cometer violências³¹. A inversão de papéis poderia muito bem ocorrer, sendo a meretriz a culpada de ser agredida por um freguês, de ser estuprada, ofendida e até mesmo por casos corriqueiros no convívio do baixo meretrício.

Á estrada Epaminondas, cincoenta, reside a mariposa Amélia Corrêa Louro, que tem como vizinha a collega de profissão Maria Anália. Talvez que entre ellas a amizade não haja creado raízes fortes, porquanto de vez em vez surge um

²⁹ Jornal do Comércio. Coisas Policiais: “Rivaes no officio”, 25 de julho de 1917.

³⁰ Jornal do Comércio. Coisas Policiais: “A Tartaruga cahiu na rêde”, 7 de junho de 1917.

³¹ MARQUES, Renata Fernandes. Op. cit., p. 546.

desaguisado qualquer que pões uma de prevenção com a outra. Diz a Maria que a culpada de tudo é a outra que tem por habito matar o bicho um pouquinho mais do costumado. A outra replica que não, que os seus porres são tomados honradamente em família ... O que é facto é que a encrenca lá está todo o santo dia. Hontem, por exemplo, Amélia foi á segunda delegacia, puxando umas cinco libras de pressão, e contou uma historia de sete cabeças ao guarda de permanência, contra a sua visinha. Chamada esta á presença da autoridade, lançou a culpa toda sobre Amélia, fazendo trabalhar os pauzinhos com tanta habilidade que a pobre Amélia, que tinha querido sujar a companheira, foi quem marchou para o xadres³².

O convívio cotidiano de meretrizes na “Zona” e nas “casas de tolerância” envolviam práticas culturais diversas, e muitas vezes resultavam em choques culturais. todas envoltas a estratégias de sobrevivência de acordo com seus padrões de atrabilidade, eram nacionais e estrangeiras, de naturalidades denunciadas pelos seus nomes e sobrenomes, Marias, Joanas, Annas, Raimundas, Franciscas, Amélias, Philomenas, como também Stamber’s, Blanca’s, Albar’s, Pepa’s, Gron’s, Zagury’s, Suhru’s, Levy’s, Suchard’s, Rosemberg’s, entre muitas outras. Mulheres paraibanas, baianas, paraenses, caboclas e “*negras como azeviche*”³³ eram as mais comuns nas “*zonas estragadas*”, ao lado de europeias, árabes, africanas e sul-americanas.

Ao contrário do que se transmitiu por parte da historiografia amazonense, as “*polacas*” dos bordéis de luxo não correspondiam somente a traços étnicos definidos, mas faziam parte de todo um imaginário a respeito da prostituição, tendo a “*francesinha ou polaca*” como parte de um cenário, no qual ela era a peça principal, mas nunca auto-suficiente.

Em vez de “*olhos lânguidos e as maçãs do lindo rosto empoadado à francesa*”³⁴ o que se percebeu pelas ocorrências policiais foram mulheres de faces sofridas, de olhos tristes, obstinadas em permanecer em uma cidade que buscava ocultar sua presença, principalmente se exteriorizassem sua pobreza e seu “baixo valor” no meretrício. Os registros policiais, por meio das crônicas, denunciaram que o índice de miséria entre as prostitutas de Manaus era intenso,

³² Jornal do Comércio. Coisas Policiais: “O feitiço por cima do feiticeiro”, 17 de junho de 1917.

³³ Jornal do Comércio. Coisas Policiais: “*Por causa da competência*”, 20 de agosto de 1917.

³⁴ BRAGA, Genesino. Op. cit., p.136

que em alguns casos os seus rendimentos não eram suficientes para manterem sua subsistência básica, sendo levadas ao furto de seus clientes³⁵, de alimentos, como guloseimas:

Queima-se pelas guloseimas a decahida Iris Corrêa da Silva. O interessante, porém, é que gostando tanto de doces, Iris só os saboreia de meia cara, á custa alheia (...).³⁶

A prostituição era o caminho traçado por muitas mulheres que buscavam fama, fortuna ou pelo menos a sobrevivência na "Paris dos Trópicos". No entanto, conforme as ocorrências policiais, o que muitas encontravam era desilusão, carestia, segregação e arrependimento.

Algumas meretrizes ao chegarem, caso não fossem enquadradas nos bordéis de requinte, tornavam-se propensas a desilusões pela precariedade do baixo meretrício. Um certo número não tinha mais proventos para voltarem para sua região de origem quando arrependidas. Envoltas pela miséria, repressão e marginalidade social algumas optavam pela morte como única solução para suas agruras. Logo, tentativas de suicídio entre prostitutas se repetiam em Manaus:

Na pensão n° 7 da rua Henrique Antony, onde reside a mundana Maria Deusa tentou suicidar-se domingo ingerindo forte dose de sublimado. As suas companheiras comunicaram o fato a policia que fez transportar a transloucada rapariga para Santa Casa de Misericordia, onde se acha em tratamento.³⁷

Os suicídios ou tentativas podem ser compreendidos como uma percepção clara da prostituta de sua condição excludente ou do não pertencimento do rol de privilegiamentos que a cidade ofereceria. No geral, foram mulheres que se perceberam rejeitadas, sem espaço, importância e se auto-aniquilaram, ou pelo menos tentaram. Seria o último ato de uma mulher que incorporou as representações da exclusão, não tendo mais forças para lutar contra ela.³⁸

As crônicas policiais deram pistas que possibilitaram imaginar os motivos que levaram tais mulheres a "*colocarem termo a vida*"³⁹. Entre inúmeros aspectos que traçavam a diferença entre os casos, todos apresentavam uma comum condição de pobreza. Eram moradoras de pensões, hotéis e hospedarias de 3ª classe, frequentavam casas de diversão eminentemente

³⁵ Caso de Suzana Stamber, na rua Itamaracá, que furtou seringueiro em vinte reis. Jornal do Comércio. Chronica Policial: "Mordeu em vinte". 4 de janeiro de 1908.

³⁶ Ibidem. "Virou a Geringonça". 24 de agosto de 1917.

³⁷ Jornal do Comércio. Coisas Policiais: "Queria Morrer": 26 de abril de 1917.

³⁸ PESAVENTO, Sandra Jatthy. *Uma Outra Cidade: o Mundo dos Excluídos no Final do Século XIX*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001, p. 331.

³⁹ Não foi neste trabalho que se ousou investigar a fundo as razões dos suicídios de meretrizes. Mas os motivos poderiam ser os mais comuns ou verdadeiras tragédias, futilidades, miséria, gravidez indesejada, falta de perspectiva, vícios, inadaptação à cidade, angustias. Várias poderiam ser as causas de suicídios por mulheres do baixo meretrício.

populares, possuíam características pessoais – narradas pelas crônicas – que denotavam sua condição de miséria.

A prostituição poderia chegar a ser uma atividade rendosa, seduzindo mulheres pobres pela possibilidade de uma nova vida. Porém, a prosperidade não chegava a todas. Voltar à condição anterior - às vezes – era inviável.

A especulação de uma dessas muitas donas de pensões de toleradas de que Manaus conta um bom nº, hontem sendo causadora da morte de uma infeliz daquelas por falta de suas lindas gerais a seguinte. As coisas de uns três dias mudara-se para a pensão Rosa Levy, a rua Itamaracá 22, a horizontal Josepha Maria da Conceição que como garantia do comodo que passou a ocupar adiantou de aluguel a importancia correspondente a três dias. Ao regressar hontem à tarde à casa notou Josepha com grande espanto que alli aparentemente se achava ocupado por nova inquilina. Chamada Rosa, pediu explicações, coisa que se negou a proprietária da pensão. Sem outro remedio, Josepha resignou-se a procurar outro comodo. Natureza fragil porem preocupou-a aquele procedimento de Rosa a tal ponto que por volta das 17:00 horas descendo o Roadway quis por termo à vida atirando-se a agua. Salvou-a, porem, o catraeiro Manuel Gonsalves Ribeiro. O subdelegado (...) que se encontrava casualmente no local, fe-la conduzil-a (...) à primeira delegacia (...). Maria da Conceição conta 21 anos e é natural de Pernambuco.⁴⁰

Se o mundo da prostituição de luxo podia ser comparado a imagens que evocavam prazer, tranqüilidade e segurança, agregados à devassidão, o “baixo meretrício vinha inevitavelmente associado à idéia da animalidade da carne, da bestialidade do sexo, do gozo irrefreável e da orgia sem limites, atestando o último degrau de degradação atingido pela humanidade. Tudo aí passava pelo crivo do negativo, do sombrio, da brutalidade humana”⁴¹.

Prostitutas pobres eram comparadas a uma “sordidez maldita”, vistas por uma volúpia desenfreada, permeadas de excessos que assustavam as classes privilegiadas. Eram perspectivas que pairavam sobre a condição social, comportamental e todo o entorno dessas mulheres, e não tanto pela objetividade da venda do sexo. Por isso, a polícia se fazia mais presente nos “antros” do baixo meretrício que em outros.

⁴⁰ Jornal do Comércio. Coisas Policiais: “Queria morrer”, 29 de maio de 1917.

⁴¹ RAGO, Margareth. Op. cit., p.242.

Referências

Bibliografia

BRAGA, Genesino. *Chão e Graça de Manaus*. Manaus: Ed. Fundação Cultural do Amazonas, 1975.

CORRÊA, Luiz Miranda. *O Nascimento de uma Cidade. (Manaus, 1890 a 1900)*. Manaus: Edições Governo do Estado do Am. 1966.

LUZ, Ana Cristina da. França, Miriam de. Wolff, Tonia Cátia B. *Dancings e Cabarés – Entre a Fantasia, a realidade e a Hipocrisia*. In: Lená Medeiros de Menezes (organização). *História & Violência: Anais do VII Encontro Regional Núcleo da ANPUH*. Rio de Janeiro, 7 e 11 de outubro de 1996.

MARQUES, Renata Fernandes. *O Discurso Médico em Relação à Prostituição no Rio de Janeiro da Belle Époque*. In: Lená Medeiros de Menezes (organização). *História & Violência: Anais do VII Encontro Regional Núcleo da ANPUH*. Rio de Janeiro, 7 e 11 de outubro de 1996.

MATOS, Maria Izilda Santos de. *Cotidiano e Cultura. História, Cidade e Trabalho*. Bauru, SP. EDUSP, 2002.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *A Cidade Sobre os Ombros: Trabalho e Conflito no Porto de Manaus (1899 – 1925)*. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 1999.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Uma Outra Cidade: o Mundo dos Excluídos no Final do Século XIX*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

WOLFF, Cristina Scheibe. *Mulheres da Floresta, uma história. Alto Juruá, Acre (1890-1945)*. São Paulo: Hucitec, 1999.

RAGO, Margaret. *Os Prazeres da Noite. Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890 – 1930)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

Fontes

CRÔNICAS POLICIAIS. *Jornal do Comércio*: 1906, 1908, 1909, 1910, 1916, 1917. Biblioteca Pública do Município de Manaus – Amazonas.

JORNAL MANAÓS: 25 de dezembro de 1903. Museu Amazônico, Setor de Documentação. Manaus – AM.

Recebido em 10 de setembro de 2014; aprovado em 26 de fevereiro de 2015.